

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa	DIRECTOR BRANCO RODRIGUES	PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis
---	--	---

HOSPICIOS DA SALPÊTRIÈRE E DE BICÈTRE

Os hospícios da Salpêtrière e de Bicètre pertencem á cidade de Paris.

Num e noutro destes estabelecimentos, admittem-se velhos, enfermos, cegos, assim como alienados e epilepticos, mas ao passo que em Bicètre não se recebem senão homens, na Salpêtrière só as mulheres são admittidas.

Ambos dependem da Administração da Assistencia Publica de Paris; possuem, por conseguinte, muitos traços de semelhança, principalmente sob o ponto de vista administrativo; vamos pois começar por indicar o que teem de commum, a saber: as condições de entrada e a organização interior.

I

Os cegos indigentes de Paris, e é delles que somente nos occuparemos, para serem admittidos nestes estabelecimentos desde a idade de 20 annos, não teem necessidade de provar senão a sua indigencia e sua cegueira¹.

Todos os pedidos de admissão gratuita para a Salpêtrière ou para Bicètre devem ser dirigidos ao director da Administração da Assistencia Publica, Avenida Victoria, em Paris.

¹ O numero dos cegos recebidos não é limitado, mas sim muito variado: um cego e um indigente com vista podem achar-se a concurso para um mesmo logar que esteja vago.

Os documentos, feitos em papel commum, são os seguintes:

1.º Attestado de nascimento do indigente.

2.º Um attestado provando a duração do seu domicilio em Paris, passado pelo Maire; a antiguidade do domicilio pode ser considerada como uma causa de preferencia.

3.º Attestado de indigencia passado pela repartição de beneficencia.

4.º Attestado do medico de repartição da beneficencia confirmando a cegueira.

O pedido assim feito é transmittido a uma Commissão que tem por fim examiná-lo, confirmar a idade dos requerentes, verificar a duração do seu domicilio em Paris, o estado real de seus recursos, e reconhecer alem disto se tem parentes que possam ou devam, nos termos da lei, auxiliá-los.

Esta Commissão pode autorizar admissões de urgencia a favor dos cegos.

Examina igualmente os pedidos daquelles que, depois de terem saído de um destes dois hospícios, reclamem a sua reintegração.

As listas depois de examinadas pela commissão são entregues ao director da Administração, que só elle as approvará.

Metade pelo menos dos indigentes cuja admissão é approvada deve ser escolhida pela ordem da classificação estabelecida pela Commissão; a outra metade dos logares vagos fica á disposição do director da Administração.

Em Bicêtre, como na Salpêtrière, os asylados são submettidos pouco mais ou menos á mesma regra.

Levantam-se ás seis horas no verão, e ás sete no inverno; entretanto o regulamento não é muito rigoroso, particularmente para os cegos, nesta parte. Os que estão ligeiramente indispostos podem ficar de cama.

Podem deitar-se immediatamente depois de terminada a refeição da tarde, isto é, ás cinco horas.

Servem-se tres refeições por dia aos asylados: dá-se-lhes das sete ás oito da manhã, leite; das onze ao meio dia, carne de vacca cozida ou guisada ou então coelho, carne de porco, ovos ou peixe e uma sobremesa; das quatro ás cinco, uma sopa e um prato de legumes.

Alem disto pertence-lhes pão e vinho.

Estas refeições são servidas aos cegos nos seus dormitorios; evitam-se assim os encontrões que se produzem muitas vezes á entrada dos refeitórios;

cada um delles come, ou assentado ao pé da sua cama pondo os pratos nos joelhos como na Salpêtrière, ou sobre uma mesa em torno da qual se formam grupos de cinco ou seis como em Bicêtre.

Os cegos não são obrigados a occupação alguma, nem mesmo a fazerem a sua cama.

No caso de doença, os que não podem receber os cuidados sufficientes nos seus dormitorios são conduzidos á enfermaria geral do estabelecimento.

A Administração não lhes dá dinheiro algum.

Autoriza-os, porem, a trabalhar.

Um legado de 1:000 francos feito pelo general Barão de Feuchères é distribuido annualmente: 500 francos são dados aos cegos da Salpêtrière, e 500 aos de Bicêtre, se bem que o numero dos cegos não seja o mesmo nestes dois estabelecimentos.

O pagamento aos cegos é feito de tres em tres meses.

Os administrados podem collocar nas caixas da Assistencia Publica, ao juro de 10 por cento de renda vitalicia, uma importancia que não deve exceder a 2:000 francos.

Finalmente, para se distrahirem, os administrados tem grandes jardins onde passeiam muito.

Uma biblioteca onde se encontra a revista Braille e outros livros impressos em relevo estão tambem á sua disposição; mas o numero dos que sabem ler é diminuto, e por isso bem pouco lhes aproveita.

Acrescentaremos que um presbytero e um pastor protestante, não hospedados, estão encarregados de assistirem aos administrados quando elles o exigem e que, em cada um dos hospicios, se acha uma capella consagrada ao culto catholico e um local reservado para a celebração do culto protestante.

II

Vamos fazer a descrição da Salpêtrière, depois a de Bicêtre, assinalando os principaes traços que caracterizam estes estabelecimentos.

No boulevard do Hospital, ao lado da gare de Orléans e quasi em frente do Jardim das Plantas, fica a grande porta da Salpêtrière.

Depois de a transpor entra-se num vasto pateo dividido em quatro partes desiguaes, rodeado de arvores.

Em frente encontra-se o zimbório octogonal da capella, edificada em 1669, no meio de um vasto edificio com varios andares.

Construidos sem plano determinado, segundo as necessidades que se impunham, os differentes edificios foram espalhados de uma maneira completamente arbitraria.

A Direcção tem aproveitado muito habilmente desta disposição para isolar umas das outras, todas as categorias de pensionistas e indigentes, idiotas e epilepticos.

Os cegos são collocados entre os indigentes sem terem edificios espezias nem mesmo salas separadas.

Estão reunidos na 2.^a divisão da 1.^a secção, installada no edificio Lassay, onde algumas salas teem os nomes do general Barão de Feuchères e de Valentim Haüy, seus bemfeitores.

Esta divisão contém pouco mais ou menos os dois terços da população cega da Salpêtrière, que é composta por 200 cegas.

Em 1657, no tempo de Mazarin, a Salpêtrière era apenas um logar de 18 a 20 geiras no qual havia algumas partes de edificios de 36 a 40 toesas de comprimento, em forma de granja, onde se fabricava salitre, e onde havia uma fundição e algumas casas proprias para armazens.

Chamava-se vulgarmente «o pequeno arsenal»; e o edito real de 27 de abril de 1656 fez doação delle á Administração do Hospital Geral e decidiu que seria posto em estado de receber os mendigos.

Tenon, no seu relatorio de 1788, disse que se encontravam ali mulheres e raparigas no seu estado interessante, amas com suas crianças, rapazes de 7 e 8 meses até 5 annos, raparigas de todas as idades, mulheres velhas e velhos casados, doidas furiosas, imbecis, paralyticos, epilepticos, aleijados, tinhosos, incuraveis de toda a especie; tudo isto estava junto.

Nos jardins, alguns negociantes tinham armado barracas onde se conservava uma feira permanente; era um foco de infecção terrivel.

No centro do edificio elevava-se uma prisão dividida em quatro partes:

1.^a A Commum, casa de detenção para as mulheres de má vida.

2.^a A Correccão, reservada para as raparigas pervertidas que podiam regenerar-se.

3.^a A Prisão, destinada ás pessoas presas por ordem do rei.

4.^a A Grande Força, destinada ás mulheres condemnadas pela justiça.

Em 1802 o Conselho Geral dos Hospicios tomou posse da Salpêtrière.

Começou rapidamente a obra para aperfeiçoar «esta casa gangrenada», mandando os presos para as prisões, fazendo sair as crianças, os homens casados e as mulheres novas, para lhe dar finalmente o caracter exclusivo de um hospital consagrado ás mulheres velhas, indigentes e enfermas.

A Salpêtrière soffreu em 1849 um desastre consideravel.

Em 1832 já tinha havido um ataque de colera: em 5:000 pensionistas houve 546 doentes e 328 fallecidas.

Em 1845, enquanto Paris era pouco atacado por este mesmo flagello, na Salpêtrière em 4:252 pensionistas houve 546 atacados, e 422 morreram; em junho do mesmo anno em 3:710 individuos houve 542 atacados, dos quaes 420 morreram.

Em alguns dormitórios a mortandade foi terrivel.

Na sala reservada ás cancerosas e estropiadas, metade das pensionistas foram atacadas pela colera, e as mortes elevaram-se a 84 por cento.

Em 1870 installou-se ali provisoriamente um hospicio para variolosos, o qual teve pouca duração. Depois fizeram-se algumas modificações.

A visita ás salas onde se encontram principalmente as cegas é interessante, mas triste.

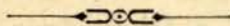
Nestas salas, muito limpas, arejadas e claras, encontram-se quatro fileiras de camas, duas ao meio e duas junto ás paredes.

A maior parte das mulheres com vista, quando as visitámos, estavam levantadas; conversavam pouco. Algumas cegas trabalhavam.

Todas as que não se entregam a occupação alguma, acham a vida fastidiosa; disseram-nos que se aborreciam muito, mas não nos pareceu que fizessem grande esforço para sairem daquella vida puramente vegetativa.

ETIENNE ROLAND,

Lente da Universidade.



HELEN KELLER¹

Não ha exagero nas palavras de Miss Sullivand: a intelligencia da sua sympathica discipula, que ella fez desabrochar, revelou-se de um modo assombroso, os conhecimentos da linguagem que ella conseguiu alcançar

¹ Concluido do n.º 2.

são admiráveis. Ao ler o excerpto seguinte, em que Helen descreve um dos seus sonhos, sentimo-nos cheios de admiração pela genial professora que soube vencer todas as muralhas que se levantavam entre o espirito da alumna e o mundo exterior:

«One night I dreamed that I was in a lovely mansion all built up of leaves and flowers. My thoughts declared that the floor was of green twigs and the ceiling of pink and white roses. The walls were of roses, pinks, hyacints, and many other flowers loosely arranged, so as to make the whole structure wavy and graceful. Here and there I saw an opening the leaves, wich admitted the purest air. Y learned that the flowers were imperishable and with such a wonderful discovery thrilling my spirit y awoke»¹.

(*The Deaf Blind*, pag. 32).

Para uma criança intelligente como Helen devia fazer-se sentir em breve a necessidade da expressão oral; foi o que succedeu. No inverno de 1899-1890, quando tinha por companheiras de brinquedos as pequeninas cegas do Instituto Perkins e adquiriu a convicção de que os meios de comunicação empregados pelas suas pequenas amigas eram bem diversos dos seus, dirigiu a Miss Sullivand as perguntas seguintes:

«Como é que as cegas sabem o que dizem com a boca? Porque é que não me ensina a falar com ellas? Então os surdos não aprendem a falar?»

Miss Sullivand explicou-lhe que havia escolas em que os surdos aprendiam a falar mas que para isso deviam ver os movimentos dos labios. Helen interrompeu-a dizendo-lhe que ella podia muito *sentir* os movimentos dos labios da professora. Decorrido algum tempo visitou-a uma senhora que lhe contou que uma criança cega e surda norueguesa, Ragnhild Kaata, tinha aprendido a falar apalpando os labios do professor quando elle falava.

A alegria de Keller ao saber esta noticia imagina-se, mas não se descreve: «Oh! posso aprender a falar, dizia ella, posso porque Ragnhild aprendeu!» e nessa noite não pôde dormir.

¹ Uma noite sonhei que estava numa encantadora casa feita toda de folhas e flores. Meus pensamentos diziam-me que o chão era de botões verdes e o tecto de cravos e rosa^s brancas. As paredes eram de rosas, cravos e jacintos e muitas outras flores frouxamente dispostas para tornar toda a estrutura ondeante e graciosa. Soube que as flores eram immarcessiveis e essa tão maravilhosa descoberta abalando o meu espirito despertou-me.

Começou immediatamente a produzir sons a que chamava falar e Miss Sullivand reconheceu que tinha chegado o momento de se iniciar a aprendizagem do methodo oral; foi encarregada desse ensino especial Miss Sarah Fuller, directora da Horace Mann School for the Deaf de Boston.

Não cabe nos limites estreitos deste artigo indicar a marcha desse ensino de um modo completo: a professora começou por fazer comprehender a posição dos órgãos bocaes e da trachea fazendo-os palpar pela discipula, fez-lhe depois notar a diversa posição que esses órgãos tomavam quando pronunciava o som *i* da palavra *it* e fê-lo repetir a Helen. O mesmo methodo seguiu-se para cada som, e aqui mais uma vez se revelou a aptidão, innata no homem, para a aquisição da linguagem. Helen decorrido um mês sabia falar.

Hoje Helen Keller exprime-se oralmente com tal clareza que causa pasmo aos professores de mudos.

Vencidas as primeiras difficuldades, Keller manifestou o desejo de seguir nos seus estudos o plano de ensino secundario e preparar-se para a entrada num estabelecimento de ensino superior.

Indicaremos aqui em resumo a marcha desses estudos segundo o relato feito por Keller a pedido do sr. John Hitz¹.

Desde março de 1892 a outubro de 1893, os seus estudos foram interrompidos por viagens a Washington, ás Quedas do Niagara e á Exposição de Chicago. Leu neste periodo as historias da Grecia, Roma e Estados Unidos, e adquiriu o conhecimento da lingua francesa. Em 1893, depois do regresso da visita á Exposição, começou a estudar latim com um sacerdote presbyteriano, o sr. Irons. Em outubro de 1894 entrou numa escola de surdos, Wright-Humason School de New-York, onde esteve dois annos acompanhada por Miss Sullivand; ahi aperfeiçoou-se na expressão oral e estudou arithmetica, geographia physica, francês e allemão.

Em outubro de 1896 entrou para a escola secundaria de Cambridge, Mass., dirigida pelo sr. Arthur Gilmann, onde a dedicada Miss Sullivand teve de ser para ella «olhos e ouvidos²» porque a escola era para crianças normaes. No primeiro anno estudou: arithmetica, latim, allemão, historia

¹ *Souvenir* n.º 2, pag. 60-65.

² She was eyes and ears for me. Helen Keller, *Souvenir* n.º 2, pag. 63.

e literatura inglesas, e no fim delle, junho de 1897, fez as provas de exame previo para o Radclift College.

Em dezembro de 1897 teve de abandonar a escola e foi então seu preceptor o sr. Merton S. Keith que, com uma dedicação e zelo a toda a prova, lhe ensinou: algebra, geometria, grego e latim, e em 29 e 30 de junho de 1899 dava as suas provas no exame final para admissão em Radclift College, onde teve menção especial em lingua latina.

Tem Helen Keller uma vocação decidida para o estudo das linguas; o que para ella é sobremodo falho de attractivos, é o estudo da mathematica. Este facto é tanto mais notavel, quanto se repete com todos os cegos surdos-mudos, ao passo que cegos que ouvem teem sido grandes mathematicos.

Dizia Keller, em 25 de maio de 1898:

«I admire Greek very much indeed. It is easier to read than Latin, I think and much more spontaneous and beautiful. I wish algebra and geometry were only half as easy for me as languages and literature! But somehow I cannot make myself care very much whether two and two make four or five, or whether two lines drawn from the extremities of the base of an isosceles triangle are equal or not. I cannot see that the knowledge of these facts makes life any sweeter or nobler»¹.

Hellen Keller, a quem a natureza tão rudemente isolou do mundo e com o qual só foi posta em contacto sob a direcção de corações dedicados, vem provar talvez quanto ha de falso nos que supõem o homem fundamentalmente mau, nos que crêem no criminoso nato; este ser subtrahido a todas as acções maleficas é um ideal de bondade, que não pode comprehender que haja maus no mundo, ella, deante de quem o homem mais rude do mundo é todo gentileza e piedade, não viu nunca senão a parte boa do coração humano.

Não obstante a sua desdita, vive feliz cheia de alegria, de gloria, de coragem e de esperanza.

¹ Admiro immenso o grego. É mais facil de ler do que o latim e, penso, muito mais espontaneo e bello. Desejava que a algebra e a geometria fossem para mim tão faceis de metade como o são para mim as linguas e a litteratura. Mas não me importo muito que dois e dois sejam quatro ou cinco e que as duas perpendiculares, baixadas das extremidades da base de um triangulo isocelles sobre os outros lados, sejam iguaes ou não. Não posso ver que o conhecimento destes factos torne a vida de ninguem mais agradável ou mais nobre. Hellen Keller, *Souvenir*, nº 2, pag. 39.